

Moçambique

Futuro incerto para negociações de paz

OS REPRESENTANTES do Governo de Maputo faltaram ao encontro marcado em Roma com a Renamo para as negociações de paz que têm vindo a decorrer sob o patrocínio da Comunidade de Santo Egídio.

A nova ronda, durante a qual se esperava a assinatura de um cessar-fogo, tinha sido adiada para dia 21 mas, desta vez, «a delegação da Frelimo não só não se apresentou como não forneceu, até sexta-feira, qualquer explicação para tal facto», disse ao EXPRESSO João Almirante, que participa nas negociações em representação do movimento de Afonso Dhlakhamá.

Desconhece-se em Roma se a ausência e o silêncio de Maputo se deve a dificuldades inerentes às negociações ou a outros problemas. Almirante disse que a Renamo está disponível para «retomar as negociações mal chegue a delegação de Maputo ou na próxima segunda-feira».

Em Maputo, não há também explicações para o facto, embora circulem rumores de que o Governo estaria «decepcionado» com as violações dos acordos pela Renamo, que se comprometera a suspender todas as acções militares nos corredores da Beira e do Limpopo, em troca do confinamento a estas zonas das tropas zimbabwuanas que operam em território moçambicano.

A Comissão Internacional de Verificação do cessar-fogo parcial considerou provadas as violações mas não pensa, no entanto, que elas possam constituir motivo suficiente para a ruptura ou suspensão das negociações.



O Governo moçambicano não deu explicações para a sua ausência nas negociações de Roma

Não está excluído que o aparente desinteresse de Maputo esteja relacionado com a situação política interna e internacional. Moçambique é um dos países que pode ser mais afectado pelas repercussões da crise do Golfo — aumento da factura energética e dos preços das importações, redução ou mesmo suspensão das ajudas humanitárias —, pelo que os dirigentes de Maputo estão seriamente preocupados com o cenário de uma guerra prolongada.

Frelimo consolida posições

As vitórias da oposição em Cabo Verde e São Tomé podem também motivar um endurecimento, embora fontes diplomá-

ticas ocidentais se declarem convencidas da irreversibilidade do processo de reformas políticas e económicas.

Segundo a versão oficial, os processos e as situações são diferentes e não há motivos para uma derrota da Frelimo nas próximas eleições, tal como o foram os partidos no poder desde a independência naqueles países.

A imprensa moçambicana deu grande destaque aos resultados das primeiras eleições plurais nos PALOP, que foram objecto de debates e mesas-redondas na Rádio e na Televisão de Moçambique.

Obviamente, a Renamo faz uma leitura diferente, e viu no triunfo eleitoral das oposições caboverdiana e saotomense o anúncio de uma «vitória retum-

bante» do movimento de Afonso Dhlakhamá.

Estes acontecimentos são objecto de especulação e há quem fale numa tentativa da cúpula para retomar o controlo dos cargos e lugares-chaves do Governo e do Estado. Na recente remodelação ministerial todas as pastas importantes ou «sensíveis» foram atribuídas a membros do Bureau Político do partido. As mudanças mais significativas são a exoneração de Óscar Monteiro (afastado do BP no último Congresso) do Ministério da Administração Interna e a substituição no Ministério da Informação de Teodato Hunguana por Rafael Maguni, recentemente eleito membro do BP.